

Caymmi!

Quando é que se é um "ar de uma  
grande"? Afinal, são também existências  
e presenças das suas belezas  
pessoais! Afinal, você compõe a  
a presença diária de tantos outros  
profissionais, entre os quais Caspary e  
outros marginais estrangeiros!

Aqui os meus mais sinceros  
parabéns!

Seu abençoado

Antônio Celestino

q. espero q. você ainda continue!

Bahia, a manhã, no dia

4 de Jan. 1974

Do fundo da noite da sua  
Baía veio Caymmi, o mestre  
dos mestres cercado do céu  
e de estrelas de Itapoa. Sua  
voz rude cheirava a povo, a  
mar, a areia, a deuses e len-  
das vindas do fundo da terra.  
Uma voz rude e doce, cheia  
de magia e requebro, a jogar  
nos olhos do mundo o en-  
canto de seu violão.

É doce morrer no mar  
nas ondas verdes do mar

Depois, o som baiano abriu-  
-se na cadência de João Gil-  
berto com seu tocar desali-  
nado. Gil e Caetano saíram  
terra fora, levando o samba  
na curva da saudade. Betá-  
nia, filha de Yansô, ficou  
para desbravar os caminhos  
da glória e da solidão. Gal  
Costa explodiu o tropicalismo,  
Roberto Carlos e Sérgio Men-  
des amontoavam fortunas,  
Vandré e Chico Buarque gri-  
tavam sua coragem em ver-  
sos proibidos. Depois quase  
todos se misturaram e perderam  
na infernália das cores e dos  
sons, em viagens rasantes de  
muitos atalhos: o baião, a  
bossa nova, o "pop", o trio  
elétrico, o superisto e o su-  
peraquilo, os tons e os anti-  
tons do giramundo da moda.  
Igual a si mesmo, só o ve-  
lho Caymmi ficou.

DA NOSSA  
CORRESPONDENTE  
NO BRASIL  
TERESA  
SÁ NOGUEIRA

DORIVAL

CAYMMI

POETA DA BAÍA



# CAYMMI

Cresceu o menino Dorival nas areias de liberdade da velha Baía. Fez-se gente nas ladeiras da cidade antiga, nas férias do Itapuã, no samba de roda das mulatas, na serenata, na festa de bairro, no terreiro de santo, nos mistérios do candomblé, nas histórias contadas à boca da noite pelos pescadores da beira do cais. Seu Durval, o pai, «bom na viola e no trago», queria-o para funcionário público: «Sabe? Eu nasci aqui mesmo, em 1914, quando começava a grande guerra. Meu bisavô era italiano, papai também era um homem de música, tocava seu piano, seu violão, seu bandolim. Mamãe sim, mamãe era cantora, dessas cantoras de área doméstica, mas todo o mundo falava: ah, sinhá, a sinhá canta muito bem! Eu era um menino muito quieto, muito dado à solidão, a leituras. Tinha sempre três amigos colados a mim, muito fiéis: o mano Deraldo, o Zezinho e o Cláudio «cacau», tudo sempre junto. Apesar disso sempre me surpreendi sozinho em alguma parte da casa lendo, escrevendo, colando coisas. Ai mamãe disse um troço que desagradou muito a meu pai: «Durval, esse «minino» tem gênio tão bom, dá para padre. Você tem que «botar» ele no seminário». Papai respondeu: «Na minha família não entra



padre nem soldado». E a mãe não teve a ventura de me ver de batina, como era o seu sonho. Papai me queria num emprego público. Como não pude terminar o ginásio, me botou pra fazer cursos de noite, inglês, matemática, português, que seria para um concurso de banco, uma coisa sólida. Eu tinha um sonho remoto de estudar direito, mas não deu, não tinha os recursos necessários para estudar, os impostos eram caros, a época tumultuosa. A desesperança me tirou da Baía, botei umas marchinhas no bolso e viajei para o Rio.»

—Eu ia perguntar-lhe donde vinha o seu interesse pela música, mas você já explicou.

—Ah sim, mamãe cantava modinhas, papai tocava, a musicalidade deles teve uma influência muito grande na minha carreira. Aquele violão forrado, ali, naquele canto... era de papai.

—Então você começou a cantar.

—Olha, foi assim: um verinho para a namorada, uma poesia... Aí eu me lembrei de fazer um verso sobre o mar: o mar é bonito, é bonito... aí tudo começou. Leve em conta que nessa altura não tínhamos os meios de difusão que temos agora. Então nós cantávamos por aí, pelas serenatas, às vezes pela rádio, por que os estudantes daquela época estavam sempre muito próximos às estações de rádio. Mas não havia público, não havia poder aquisitivo para a compra de aparelho de rádio, na época era mercadoria importada, um luxo. De modo que eu tomei meu «ita» (barco costeiro) para o Rio.

**Peguei um ita no norte pra vir Rio morá adeus meu pai, minha mãe adeus Belém do Pará.**

Vendi meus troços que eu tinha o resto eu dei pra guardá talvez eu volte para o ano talvez eu fique por lá.

Todo o «ita» traz uma leva de nordestinos que vêm tentar a vida no sul. Essa toada está cheia de saudade desses nordestinos, cheia da tristeza, que só aqueles que um dia tomaram um «ita» e nele navegaram para o Rio podem sentir e compreender.

#### A LENDA DE ABAETÉ

Quando o moço Caymmi desembarcou no seu «ita» no Rio, há 30 anos, levava como bagagem seu livro de poemas, suas canções do mar, sua voz rouca, seu jeito doce de contar histórias da Baía com um violão meio desafinado em pino de fundo. Ele falava de um mundo estranho, colorido e maravilhoso chamado Baía de S. Salvador, a terra onde os deuses descem aos terreiros para dançar entre os homens, ao ritmo mágico dos atabaques.

#### «No Abaeté tem uma lagoa [escura rodeada de areia branca»

Conta a lenda que a lagoa de Abaeté, em Itapoá, é mal assombrada. «Essa lagoa é uma das moradas preferidas de Yemanjá. Muita gente tem morrido nas águas dessa lagoa, afogada, desaparecida na lama. Dizem na Baía que na lagoa do Abaeté, no mistério de suas águas, batem os espíritos dos pescadores macumbas, em honra da mãe d'água, que pela noite se ouve o batuque saudando a sereia. E que os homens ali afogados são aqueles por quem Yemanjá se apaixonou. Foram lá tomar banho, a sereia os viu e levou-os consigo pro fundo da lagoa escura».

—Caymmi eu queria saber uma coisa: como é que você que teve uma infância de

bairro, de menino de classe média, que nessa altura era bem compartimentada, como é que você brincava com os filhos dos pescadores, lhes ouvia as histórias contadas na beira do cais?

—Ah, você não sabe nada dos veranistas de Itapoá, dos companheiros de férias que iam com suas famílias veraneiar para Itapoá. Nós saíamos daqui e levávamos praticamente duas horas, fomos de ônibus. Você sabe que nessas coisas pioneiras tem sempre um português no meio, né? Então seu Francisco, que era um homem da empresa de transportes, gostava de novidades e sentiu em Itapoá uma graça diferente, turística, embora lá não tivesse o menor recurso para atender turismo, que nessa época nem se sabia o que era. Havia as palhotas de pescadores, uma igreja singela. E as pousadas, o que eram? Você alugava a casa do pescador, servia-se das coisas dele, empregava a mulher como lavadeira, ele como ajudante. Então seu Chico, português, teve a ideia de fazer um veraneio. E como era uma aventura muito grande, ele teve que formar uma lotação de veranistas para justificar a sua viagem semanal a Itapoá. A partida fazia-se nos sábados, a volta nas segundas para os maridos que vinham trabalhar. Ficávamos nós, os jovens, com as mães e as vóvós e as tias. Era muito agradável, porque aquilo era um deserto. O povo chamava a esses ônibus as marinettes.

—Ainda hoje, em alguns lugares de África se chama marquette ao «machibombozinho» pequeno que vai no trilho do trem. O povo usa marquette para fazer viagens grandes onde não tem estrada, ou se vai de marquette ou de avião.



# CAYMMI

— Tá vendo você? Então seu Chico da Lapinha levava suas marinetes para Itapoã, qua era só areia com uma rua calçada a pedras. Foi aí que nasceu o meu relacionamento com os homens do mar. Eles contavam-me histórias do tempo da pesca da baleia, muito antiga, nos restos de uma embarcação jogada na praia. Era uma praia muito tranquila, onde os nossos amigos pescadores contavam as suas histórias à boca da noite. Então eu aprendi a gostar daquelas coisas, daquela intimidade com o homem do mar, da conversinha gostosa no porto de cima, quando vinham os barcos e a gente se juntava ali para compra do peixe.

— Você conheceu todos aqueles tipos populares que aparecem nas histórias de Jorge Amado, o negro Antônio Balduino, Rosa Palmeirão, Vadinho de D. Flor, o pai de santo Jubiabá?

— Eu não conheci pessoalmente Jubiabá embora fosse meu contemporâneo. Os outros, eu os conheci a todos pessoalmente, os romances de Jorge são de mil amigos nossos. Vadinho era muito conhecido, muito amigo da gente. Ele pega nas pessoas e botava-lhes uma história por cima.

— Que não tem nada a ver com a história real?

— Às vezes tem. Tem muito. Então a coisa toda começou aí, nesse veraneio, uma poesia um versinho para a namorada. E eu lembrei-me de escrever sobre o mar. O mar é bonito, é bonito. Era uma noite de temporal, havia a história fantástica de Yemanjá e Abaeté, havia a pedra que ronca em Itapoã. Eu fui entrando nas conversas de pescadores, trazendo para os meus versos um pouco da sua vida.

Solto no Rio, Dorival tomou nos ombros a sua terra inteira. Cantou o pitoresco da Baía, suas ruas, suas comidas, seus nomes, sua capoeira, seus santos negros, seus velórios com cachaça, seu cais, sua lenda. Mas foi muito além do pitoresco: soube traçar a força imensa do homem de cor, aquele instinto feroz de liberdade que fica em quem conheceu o cativo, a coragem e o amor por suas raízes. A música religiosa do negro baiano, suas promessas e crenças, sua intimidade com os deuses vindos dos longes de África, tudo renassa no canto do mulato Caymmi, ele mesmo obá de Xangô, deus do vento e da tempestade. Jorge Amado, também Ahá de Xangô, afirma que pouco importa o que ele faça ou por onde ande: a Baía está sempre com ele e não sei de artista mais importante do que Caymmi entre os baianos que escrevem, pintam, escultem ou comem. Ele é a face de seu povo, a voz de seu povo na sua música imortal.

• Pedro saiu no seu barco/ seis horas da tarde/passou toda a noite/não veio na hora/do sol raiá.

Deram com o corpo de Pedro/jogado na praia/roído de peixe/sem barco nem nada/ num canto bem longe/lá do arcaíá.

Pobre Rosinha da Chica/ que era bonita/agora parece que endoideceu/vive na beira da praia/olhando pras ondas/andando, rondando/dizendo baixinho/morreu... morreu/morreu...»

No «Cancioneiro da Baía» Caymmi conta como nasceu suas canções do mar:

— Eu nada mais sou do que um homem do cais da Baía, devoto eu também de Yeman-

já, certo eu também que todos nós estamos nas suas mãos, rogando-lhe que não envie os ventos de tempestade, que seja de bonança o mar de minha vida.

Com humildade, o obá dos cabelos brancos recorda:

— Todos os anos estava eu em Itapoã, junto aos pescadores, saindo para o mar nas jangadas, ouvindo as histórias de Yemanjá, como as ouvia também nos mercados e feiras, no porto da lenha da beira do cais. Os negros e mulatos que têm suas vidas amarradas ao mar têm sido minha mais permanente inspiração. Não sei de lendas mais belas que as da rainha do mar, dona Janaína, a Inaê dos negros baianos.

— Dorival, o candomblé tem muita influência na sua vida, não tem?

— Tem. Olha, eu sempre fui uma pessoa muito encantada por essas coisas de candomblé.

— Será influência de seu sangue negro?

— Apesar de ser um homem de cor, infelizmente eu não tenho muitas referências de minha família do lado africano. Eu sou muito mestiçado! Vê-se naquele retrato ali, de mamãe, tudo mestiçado. Havia sangue português de um certo Aragão do lado de mamãe, meu bisavô era italiano do norte, branco e de olho azul, casou-se com uma portuguesa, se enamoraram num barco, sim siôra, vieram para aqui. Um dos filhos casou-se legitimamente com uma melhor de cor, vóvô Salomeia Sousa Caymmi, um a

mulata mais escura que eu. Foi casamento de amor, não sei se foi muito a gosto de minha bisavó portuguesa e do bisavô italiano, mas ele casou-se foi com dona Salomeia, mulata escura e enxada, filha adoptiva de portugueses. Do casal nasceu papai, que puxou a cor de mamãe com traços do vóvô. Meu pai tinha um cabelo um tantinho melhor do que o meu, mas a cor era escura, bronzeado, danado de bonito. O Caymmi velho era todo dado a folias, à música. Aí essa mestiçada toda deu nisto que você está vendo aqui. Agora meu pai tinha relações de amizade com pessoas do candomblé. Era uma prática festiva para a cidade, na sua época, sem grandes diversões, o forte eram as festas populares, a Conceição da praia, a festa do Bonfim. O baiano sempre foi festeiro, meu pai estava em todas. Do candomblé ele gostava, sabia muitas cantigas, isso me influenciou. Também no meio estudantil já havia o interesse pela pesquisa do negro, no candomblé.

## O SINCRETISMO BAIANO

Nessa altura o candomblé estava proibido, sujeito aos azares de buscas e ataques da polícia. Como subterfúgio para escapar à senha da perseguição, iniciou-se o processo do sincretismo, que hoje é dos fenômenos mais característicos da religião negra da Baía. Altares católicos foram erguidos em todos os terreiros, os orixás receberam nomes e festejavam-se nas datas dos santos cristãos que vagamente se lhes assemelhassem. Os dois mundos passaram a se confundir. Daí o rigor do candomblé que resistiu com sucesso a séculos de terror policial e a campanhas alarmistas ou moralizantes, que de tempos a tempos se sucedem na imprensa.



Ela era de Trás-os-Montes, naturalizada brasileira. Misturava o dengue brasileiro com essa graça bem portuguesa, esse encanto arrebatador da mulher portuguesa. Ela tinha tudo isso junto.

—E como Marilyn ela foi uma vítima de Hollywood. Morreu jovem demais, foi destruída, foi explorada pela máquina. Ou cedeu demais?

—Eu creio que sim. A meu ver, de observação feita, não muito apurada mas olhada por mim, ela foi realmente a vítima de uma máquina tremenda, pior do que a de hoje. Hoje você compreende que há realmente uma necessidade de dar repouso a quem tem de gastar-se muito a quem tem de esforçar-se muito em alguma coisa. Necessariamente você lhe dará umas férias, uma compensação. Naquele tempo não, ainda se tirava o máximo para amalhar, para guiridar.

—Então o artista tinha de se dar ao trabalho sem descanso, até estourar?

—Exacto. Além de na indústria, não haver quem pensasse nisso, não haver organização, ainda tinha o intermediário que precisava de ganhar a curto prazo a sua boa soma. E havia ainda essa inocência inata de todo o artista que, em geral, se deixava arrastar pelo êxito, pelo brilho da luz do sucesso.

—Parece-lhe que a viagem de Carmen para os Estados Unidos acelerou sua morte?

—Claro que tenho quase a certeza. Quando eu conheci a Carmen era uma jovem e, para assim dizer em termos de vida brasileira, era uma mulher realizada. Certa vez ela disse-me: Caymmi, eu já tenho dez anos de profissão artística, já tenho trabalhado muito, já me tenho cansado muito, andado para lá e para cá, agora vou descansar, vou parar de cantar. Eu já tenho bens, já tenho casa própria, tenho isto, tenho aquilo, minha família está em boa situação, eu até penso em me casar e descansar desta vida. Dez anos já é muita coisa. Eu disse: é uma pena porque sua gente toda vai ficar com muita saudade. Sua gente era todo

o Brasil, que tinha adoração por ela. Nessa época podiam-se contar os ídolos brasileiros pelos dedos. Um era o Getúlio Vargas, Carmen Miranda vinha logo a seguir e depois Vicente Celestino. Mas Carmen ia largar a carreira, se sentindo cansada ainda moça, quando justo para ela começou uma fase terrível: Hollywood, a vida americana, a promoção, os filmes, o cansaço, o desgaste. Ela, coitada, não aguentou. Infelizmente para nós, morreu distante da sua terra querida. Ela sentia que ia morrer, um pouco antes esteve no Brasil entre amigos, mas já se sentia que ela estava caminhando para o fim. Eu tive muita pena dela.

—Caymmi, a gente, de fora, sempre conheceu Carmen com todos aqueles balangandans na cabeça. A moda exótica que a revestia — e que agora voltou — era uma coisa fabricada pela publicidade ou era mesmo dela?

—Tem aí uma coisa curiosa, Teresa: o Rio como epicentro desta coisa toda, sempre foi sedento de novidades. A Carmen era tipicamente propriedade do Rio, sempre muito reclamada pelos cariocas como direito deles. Acontece que quando eu escrevi um samba

que detalhava um traje de baiana, da nossa mulata da rua e descrevi aquele traje,

isso não era novidade. Esse tipo já vinha sendo explorado há anos, desde as canções de teatro do princípio do século cantando a mulata. Carmen não entrava nessa faixa, mesmo tendo gravado a «Baixa do Sapateiro» do nosso querido Ary Barroso, que aqui esteve como maestro de uma dessas companhias de teatro. Ele fez também o «quando penso na Baía» e aquela outra, que fez um sucesso tremendo, «O tabuleiro da baiana». Essa música foi uma verdadeira cachaça, um xuí! Todo o Brasil cantava: No tabuleiro da baiana tem vatá pé/caruru. Essa forma «tem» é muito antiga, já na década de 20 havia sambas desse tipo: dizem que Cristo



nas  
se  
Ba  
crio  
/na  
e  
ma  
E p  
•Ba  
fórr  
che  
sem  
loc  
pes  
cad  
mar  
sas  
os  
vra  
a r  
tos  
mú  
fári  
can  
ces  
mer  
Ela  
que  
pre  
tem  
nov  
bai  
toda  
A C  
con  
ami  
ela  
ser  
mas  
Bom  
/ten  
/cor  
tem  
pula  
essa  
solu  
vou  
vou  
ass  
era  
mull  
uma  
nati  
tipo  
e p  
estil  
bre  
gina  
ça l  
mei  
gina  
men  
Entin  
não  
trário

# CAYMMI

nasceu em Belém/a história se enganou/ Cristo nasceu na Baía, meu bem/e o baiano criou... e na Baía tem vatápá/ /na Baía tem caruru/moqueca e arroz de hauçá/laranja, manga e caju/na Baía tem... E por aí. Ary Barroso fez a «Baixa dos sapateiros» nessa fórmula. Em 38, quando eu cheguei ao Rio, levei este samba, que era um samba local feito aqui para meu uso pessoal, quer dizer, de brincadeira com amigos. Em romaria ao Bonfim, revendo coisas do passado, eu descobri os balangandans, uma palavra fora de uso e que vinha a ser uma penca de amuletos. Agora estão todas em museu. Então, pela indumentária da baiana, quando eu cantei isso no Rio foi um sucesso. Por acidente, a Carmen teve de cantar a música. Ela já cantar outra, do meu querido Ary e por questão de preço disseram-lhe: «Olha, tem aí um baiano, um cara novo, que tem uma música de baiana que é um sucesso, todo o mundo está gostando». A Carmen ouviu, procurou-me conhecer, fizemos uma ótima amizade, eu cantei para ela, ela quis saber: que vem a ser isso de torso? É turbante, mas é torso que chamam. Bom. «Tem torso de seda tem/ /tem brincos de ouro tem/ /correntes, panos da costa, tem». Panos da costa é capulanas. Ela se encantou com essas coisas e tomou uma resolução: agora, Caymmi eu vou cantar no Casino, mas vou vestida à baiana. E assim foi. Mandou fazer coisas gloriosas: como era uma mulher de muita invenção, uma mulher chique e imaginativa fez a baiana para seu tipo. Chamou um desenhista e pediu-lhe o desenho mais estilizado de baiana e ela, sobre o torso, começou a imaginar coisas que dessem graça. Isso chegou ao delírio. O americano, ainda mais imaginativo, inventou coisas tremendas para pôr na cabeça. Enfim, a Carmen com isso não perdeu nada, pelo contrário, ganhou mais encanto.

E depois dela nunca mais ninguém pôde fazer aquele tipo, porque ela definiu, realizou e superou a baiana em graça e encanto e toda aquela gesticulação própria da graça de Carmen passou a ser fórmula de trabalho no palco.

## MÚSICA NEGRA

Caymmi nunca esteve em África. Mas a sua vida, a sua música, a sua crença mergulha as raízes no velho continente negro. Grande ministro do candomblé, obá de Xangô, quando entra no terreiro vestido de branco, as contas de santo cruzadas no peito, todos se erguem. As lações arrodilham-se no chão, os atabaques tocam a saudação para o obá, o chefe da nação, o ministro mais importante, o poeta amado do povo e dos orixás. E da fonte riquíssima da música africana tirou Caymmi a força de suas canções. Na sua música há a experiência dada pelo saber e pelo amor: ao auscultar a alma e o corpo, o sangue e as lágrimas do povo negro e mestiço do candomblé, dos saveiros, do cais da Baía, Caymmi atinge mais do que o ritmo, mais do que a cadência do atabaque e do violão ressoando nas noites escuras da cidade: Caymmi é a própria Baía.

**Na hora em que o sol se esconde**  
e o sono chegar  
o sinhêzinho vai procurar  
a velha de colo quente  
que canta quadras, que conta histórias  
para ninar...

— Era uma preta velha, vinha do tempo da minha avó, chamada sinhá Inocência. Embalava a gente em seus braços trêmulos, contava histórias, e que histórias! Uma das mais belas possuía um refrão que jamais esqueci. Sobre ele e em lembrança de Inocência escrevi essa canção. Lá está o estribilho da história da negra, meio em português,

meio em nagô, enchendo os versos de um mistério que conquistava a imaginação das crianças.

— A música negra o influenciou muito, Dorival?

— O que eu tenho de influência da música negra é a mesma influência que todos nós tivemos, que nascemos com a procura básica de percussão como base da nossa música. Então a percussão, ou seja, o pandeiro, o tamborim, o surdo, o reco-reco, esta base ritmada, é exactamente a influência mais negra que tem minha música. Sempre admiti música como um ritmo, ritmo samba, samba gostoso, jogado, sacudido, lascivo e essa característica sei que é bem negra.

— E nunca foi a África porquê?

— Nunca houve oportunidade. Consta que vou ser convidado para o festival das artes negras na Nigéria, falaram-me em Julho quando estava começando a festa de Xangô no axé onde me honro de ser obá. Eu sou obá Otum onicú. Diz Pierre Veeger, o etnólogo francês que é muito douto em coisas de África, diz o mestre Verger, que também é obá, que este ramo de oni é um ramo muito nobre da linhagem de Xangô. Obá corresponde a príncipe, otum é da direita, então eu sou um obá da direita de Xangô. Camafeu de Oxossi, Caribé, Jorge Amado e mais outros somos obás, doze figuras que compõem o ministério, que zela pelo culto de Xangô.

— Como se sente como personagem constante dos livros de Jorge?

— Ah, muito à vontade, sobretudo quando sou caricaturado. Tem uma serenata inesquecível com dona Rosilda, a mãe de Dona Flor, que não gostou da serenata, na ladeira do Alvo e me descompôs. Adorei essa serenata. Se

fosse a Jorge, punha-me em outras situações piores.

— Vocês conhecem-se há séculos?

— De vista eu o conhecia aqui, das rodinhas literárias. Vim a conhecê-lo melhor de 38 para cá, no Rio, aí ficamos irmãos. Acaba de me dar uma bengala linda que trouxe da Europa. Tem dois chifres.

— Caymmi, você foi companheiro de Neruda em S. Paulo. Curtiram juntos os vinhos e as macarronadas italianas, correram as ruas e de tanto falar-lhe na Baía conseguiu trazê-lo até aqui. Como era ele, na intimidade?

— Neruda sempre me pareceu um monumento. Forte, brilhante, um homem certo, lógico, uma verdade da sua época. Neruda era um homem coerente a seus princípios não só políticos como literários, um homem profundamente justo. Como pessoa humana sempre o adorei por ser simples, afável, cativante. Como poeta eu não preciso falar porque é o poeta maior, o poeta retumbante de acção eterna. Para mim, Neruda foi um ídolo, um ser de grande força moral. E sobretudo um grande exemplo para todos nós, sul-americanos. Um grande exemplo de beleza moral, de beleza poética de grande sustentação de princípios.

## O PROTESTO

De Caymmi não se pode dizer que seja um poeta de mensagem, que dê um sentido deliberadamente social ou político à sua poesia. Mas é um homem lúcido, atento à dor, à injustiça e à miséria em seu redor. E se não usa linguagem de compromisso, não foge contudo à realidade em que vive, pelas atitudes que toma, pelas posições que assume.

# CAYMMI

— Dorival, é certo que você canta a vida difícil do povo, mas nunca se sentiu levado a fazer canções de protesto porquê?

— Olha, dentro de nós todos existe uma consciência bem definida. As pessoas têm de ter uma seriedade, um respeito consigo próprio e achar que isto está bem ou está mal. Eu, de facto protestei, continuo protestando, mantendo pontos de vista em relação a muita coisa na vida, na sociedade onde vivo. Você pode me encontrar agrupado com amigos, pode ver-me trabalhando em função de reagir contra certos princípios, a não aceitar, entende? A dizer não a certas decisões até em meu prejuízo, a não acatar tudo o que me vem assim ou que me foi imposto porque eu não tenho natureza para isso. Agora, para minha canção eu não trouxe, não usei minha canção como recado, como mensagem contra ou a favor de nada. Eu achava que minha canção estava num caminho tão bom que disse: deixa a canção como está, esta é a minha canção singela. Mas você pode ver um protesto na «Viagem a Alagoíñas», que é uma canção que colhi do folclore e que adaptei para dar mais força, eu a colhi dentro do povo, é a história miserável do retirante com sua miséria.

...trazia a minha nêga/e também minha filhinha/trazia o meu facão/com todo o aço que tinha/vinte couros de boi manso/só no local da baina/trazia uma capoeira/com quatrocentas galinhas/vinte sacos de feijão/ trinta sacos de farinha/mas a sorte desandou/quando eu cheguei a Alagoíña/bexiga deu na nêga/catapora na filhinha/morreu o meu tatu bola/filho do tatu bolinha/roubaram o meu facão/com todo o aço que tinha/vinte couros de boi manso/só no local da baina/morreu minha capoeira/de quatrocentas galinha/gorgulho deu no feijão/colega/e deu mofo na farinha.

Não há ser mais infeliz no mundo do que o retirante, esse homens batidos pela seca e pelo latifúndio que arribam para as cidades em busca de melhor vida. Mesmo quando a viagem é pequena costumam acontecer desgra-

ças sem conta ao retirante, na viagem ele perde tudo.

— Já teve dificuldades com a censura?

— Tive poucas, algumas até pueris, por dizer «se o casaco for vermelho todo o mundo vai usar» ou usar «verde e amarelo». A censura disse que verde e amarelo não pode ser usado em música porque são as cores da bandeira, o senhor tem de mudar as coisas. Bom. A canção de protesto nasce com a pessoa a quem foi imposto alguma coisa que não lhe agradou. Claro que admito que um indivíduo reaja e diga na sua canção o que bem entende. Esse não era o meu género, não usei mas não sou contra que o sujeito através da canção dê a sua de François Villon ou de Chico Buarque. Acho que está certo o sujeito dizer o que sente.

— Que tal acha o panorama musical brasileiro, neste momento?

— Olha, neste momento há muitos jovens — o António Marcos, Jerri Adriani, Vanderlei Cardoso — que são cantores de bellissimas e bem cuidadas vozes e isto é importante. Agora quanto ao reportório, eu faço restrições. Taiguara é talentoso, sabe fazer canções. No meio disso tem um milhão de cantores que cantam imensas tolices, todos aspirando a ser ídolos como Roberto Carlos, que na verdade tem um timbre de voz pessoal e bonito, que está fazendo uma música de aspecto universal, limpando as arestas do «pop», mas muito dele. Roberto Carlos admito, mas agora o mal é a quantidade imensa de falsos valores em torno disso. Infelizmente a máquina precisa de consumir porque o consumo é grande e nós temos um nível de público que gosta e compra esses discos porque não têm instrução à altura para compreender o que está fazendo, os logros em que está caindo.

## E A MODA?

Para Caymmi a moda não existe, ele jamais se prendeu a revoadas. Tomando a Bala como tema, não tem uma só canção que não seja bem sua, de dentro, amassada no san-

gue, no riso e nas lágrimas do povo da sua cidade. Cada música de Caymmi é a sua verdade final. Compõe ao sabor do tempo e da preguiça baiana, que tem bitola toda especial de medida mais larga, onde as coisas acontecem sem pressa, no remanso da brisa que sopra do mar.

**ADALGISA mandou dizer que a Bala tá viva inda lá que nada mudou inda lá que a Bala tá viva inda lá**

— Caymmi, enquanto no panorama musical brasileiro as canções «pop» parecem ter cada vez mais influência, na sua música há uma constante de simplicidade de forma. Porquê?

— Ah, sim, eu digo de mim exactamente esse respeito. No começo, nós tínhamos um inimigo frontal, a penetração da música norte-americana, vendida baratíssima para consumo nacional. Vendiam as matrizes baratíssimas, isto contra a nossa actuação como artistas nacionais, que tínhamos de gastar em estúdio, músicos, ensaios, etc. Então uma matriz de Bing Crosby saía muito mais barato. Então nós unimo-nos para combater a música estrangeira e aí está a história do começo da música popular brasileira, com meu nome sempre no grupo de frente e de briga. Então eu fui contra e mantive na minha canção o estilo muito de raízes nacionais, para não conceder.

— Daí nunca se ligar em modismo?

— Não, o modismo nunca me encantou. Eu acho que uma bonita canção, hoje, num ritmo que eu gosto é sempre válida. Eu fui apaixonado do «twist», achava deslumbrante aquelas moças, nas «boites», descalcinhas, eu era vidradíssimo, mas seria incapaz de fazer uma música naquele jeito porque me traía, não estava fazendo uma coisa

certa. Esse chamado «twist» balada é abominável, essa canção melosa com uma letra boboca e sem sustentação repetida de umas dez palavras, é abominável. A música, ela tem que permanecer a canção tem que ser mais um instrumento do povo de acção permanente. Tem que ficar. Depois há ainda aquela concorrência desleal da música americana, um editor ganha muito mais editando música americana porque ele chega cá com uma matriz baratíssima, do que se pagar a um artista brasileiro.

— Isso tem alguma coisa a ver com sua relutância em cantar nos Estados Unidos?

— O que é interessante é que neste processo industrial e comercial americano, eles não fazem restrições ao indivíduo. Em Washington ninguém me impediu de actuar na TV, na emissora de rádio, nem de declarar coisas, nunca me foi fechado nada, não fui impedido de dar entrevistas, fui muito bem tratado e respeitado pelo meu ponto de vista. Disse todas as verdades e não houve qualquer censura. Agora quanto à moquina comercial, eles têm suas razões que são razões comerciais e nossa posição aqui é de luta contra tudo isso. Embora seja desigual a luta, eu não posso deixar de lutar. Eu sou um homem de luta.

— Caymmi, você chegou a ser convidado para a Academia de Letras. Como ficou isso?

— Ah, não estou nisso, não. Como é que eu vou ficar com meu público jovem, diante de meus cabeludos, de toda essa gente que faz té em mim? Eu vivo numa área de juventude tremenda! Imagina eu chegar no Rio com título de académico a gozação que não iam dar!...

Teresa Sá Nogueira